

SARAH DESSEN

*Os bons
segredos*

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2015 by Sarah Dessen

Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial em qualquer meio.

Publicado mediante acordo com Viking Children's Books, um selo do Penguin Young Readers Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Saint Anything

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA Alan & Gretchen/ Alan McFetridge/ Galeries/ Corbis/ Latinstock

PREPARAÇÃO Nathália Dimambro

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Dessen, Sarah

Os bons segredos / Sarah Dessen ; tradução Cristian Clemente. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: Saint Anything.

ISBN 978-85-65765-76-3

1. Literatura juvenil 2. Romance norte-americano
I. Título.

15-06066

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@sequinte.com.br

1

— O réu poderia se levantar, por favor?

Não se tratava de uma pergunta de verdade, embora soasse como tal. Eu tinha percebido isso desde a primeira vez que nos reunimos lá, nas mesmas circunstâncias. Era um comando, uma ordem. O “por favor” era só uma formalidade.

Meu irmão levantou. Ao meu lado, minha mãe ficou tensa e prendeu a respiração. Do jeito que pedem para você inspirar antes de um raio X, para que consigam ver mais, captar tudo. Meu pai olhava para a frente, como sempre, com uma expressão indecifrável.

O juiz voltou a falar, mas eu não conseguia prestar atenção. Em vez disso, olhei para as janelas altas, as árvores balançando com o vento lá fora. Era começo de agosto; as aulas começariam em três semanas. Tinha a sensação de ter passado o verão inteiro exatamente naquela sala, talvez naquela mesma cadeira, mas sabia que não era o caso. O tempo simplesmente parecia parar ali. Mas, no caso de pessoas como Peyton, talvez o objetivo fosse justamente esse.

Foi só quando minha mãe soltou um gemido e se inclinou para agarrar o banco da frente que percebi que a sentença havia sido dada. Olhei para o meu irmão. Ele era conhecido por sua coragem. Isso no passado, quando éramos crianças que brincavam no bosque atrás de casa. Mas um dia os garotos mais velhos o desafiaram a

atravessar aquele tronco fino que passa sobre um buraco enorme e profundo. Ele atravessou, mas suas orelhas queimavam, vermelhas. Ele teve medo. Naquele dia e no tribunal.

A batida do martelo soou. Estávamos dispensados. Os advogados se voltaram para o meu irmão: um deles se inclinava para dizer algo enquanto o outro punha a mão nas costas dele. As pessoas levantaram e começaram a sair em fila. Dava para sentir os olhares sobre nós enquanto eu engolia o nó na garganta e mantinha os olhos fixos nas mãos sobre o colo. Ao meu lado, minha mãe soluçava.

— Sydney? — chamou Ames. — Você está bem?

Não consegui responder. Só fiz que sim com a cabeça.

— Vamos — meu pai disse, pondo-se de pé.

Ele tomou o braço da minha mãe e gesticulou para que eu caminhasse à frente deles até onde estavam os advogados e Peyton.

— Preciso ir ao banheiro — eu disse.

Minha mãe, com os olhos vermelhos, só me encarou. Como se aquilo, depois de tudo o que tinha acontecido, fosse a única coisa que ela não pudesse suportar.

— Tudo bem — Ames disse. — Eu vou com ela.

Meu pai assentiu e deu um tapinha no ombro dele quando passamos. No saguão do tribunal, vi pessoas abrindo as portas e saindo para a luz do dia do lado de fora. Desejei mais do que tudo ser uma delas.

Ames me envolveu em seu braço enquanto caminhávamos.

— Espero você aqui — disse quando chegamos ao banheiro feminino. — Certo?

Lá dentro, a luz era brilhante, impiedosa. Caminhei até a pia e me olhei no espelho. Rosto pálido, olhos escuros, vazios e sem vida.

A porta de uma das cabines abriu atrás de mim e uma menina saiu. Era mais ou menos da minha altura, um pouco menor e mais magra. Quando parou ao meu lado, pude ver seu cabelo loiro en-

rolado numa trança bagunçada que pendia sobre um dos ombros, com alguns fios soltos emoldurando o rosto. Ela usava um vestido de verão, botas de caubói e uma jaqueta jeans. Senti que me observava quando lavei a mão uma vez, depois duas, peguei uma toalha e virei para a porta.

Ao abrir, logo vi Ames encostado na parede oposta do corredor de braços cruzados. Quando me viu, ele endireitou o corpo e deu um passo à frente. Hesitei, parei e a garota, que também saía, trombou comigo.

— Ah! Perdão! — ela disse.

— Não — respondi, virando. — Foi... culpa minha.

Ela olhou para mim por um segundo e depois, por cima do meu ombro, para Ames. Observei seus olhos verdes contemplarem aquele estranho por um longo momento antes de voltarem a atenção a mim. Eu nunca a tinha visto antes. Mas uma única expressão em seu rosto bastou para que eu soubesse exatamente o que ela estava pensando.

Você está bem?

Estava acostumada a ser invisível. As pessoas raramente me viam e, se viam, nunca me olhavam de perto. Eu não era radiante e encantadora como meu irmão, linda e graciosa como a minha mãe, ou inteligente e dinâmica como minhas amigas. Mas essa é a questão. Você sempre acha que quer ser notada. Até ser notada.

A garota continuou a me observar, à espera de uma resposta à pergunta que nem fizera em voz alta. E talvez eu tivesse respondido. Mas então senti uma mão no meu cotovelo. Ames.

— Sidney? Está pronta?

Também não respondi essa pergunta. E de repente estávamos a caminho do saguão, onde meus pais conversavam com os advogados. Enquanto andávamos, continuei a olhar para trás, tentando ver aquela garota, mas não consegui encontrá-la no meio da multidão

agitada que se enfiava dentro do tribunal. Assim que nos desvenciamos das pessoas, porém, olhei para trás uma última vez e fiquei surpresa ao ver a garota bem onde eu a tinha deixado. Seu olhar ainda estava fixo em mim, como se ela não tivesse me perdido de vista um momento sequer.

2

A primeira coisa que se via ao entrar na nossa casa era um retrato do meu irmão. Estava pendurado bem na frente da grande porta de vidro, logo acima do aparador de madeira e do vaso chinês onde meu pai deixava os guarda-chuvas. Mas seria compreensível se um visitante jamais notasse esses outros objetos. Assim que visse Peyton, não conseguiria tirar os olhos dele.

Embora compartilhássemos os mesmos traços (cabelo escuro, pele morena, olhos castanhos quase pretos), ele os ostentava de uma maneira completamente diferente. Eu era comum, meio bonitinha. Mas Peyton — o segundo com esse nome em casa, pois meu pai também se chamava assim — era estonteante. Já tinha ouvido o compararem com tudo, de antigos astros do cinema a personagens da ficção. Eu tinha certeza de que, quando criança, meu irmão não se dava conta da atenção que recebia nas filas dos supermercados e correios. Me perguntava qual teria sido sua sensação ao compreender de repente o efeito de sua aparência sobre as pessoas, especialmente as mulheres. Era como descobrir um superpoder, algo empolgante e assustador ao mesmo tempo.

Antes de tudo isso, porém, ele era apenas meu irmão. Três anos mais velho, a cama com lençóis azuis de personagens de videogame que contrastava com as fadas do meu lençol rosa. Eu basicamente o

idolatrava. Como poderia ser diferente? Ele era o rei do verdade ou desafio (e sempre escolhia a segunda opção, naturalmente), o corredor mais rápido da vizinhança, a única pessoa que conseguia ficar de pé no guidão de uma bicicleta em movimento sem perder o equilíbrio.

Mas seu maior talento, para mim, era desaparecer.

Brincávamos muito de esconde-esconde quando crianças, e Peyton levava a brincadeira *muito* a sério. Agachar atrás da primeira cadeira com que esbarrasse ou escolher o óbvio quartinho da limpeza? Coisa de amador. Meu irmão preferia se contorcer debaixo do armário do banheiro, se esmagar completamente debaixo da cama, escalar o boxe do chuveiro e dar um jeito de se segurar no teto. Sempre que eu pedia para me contar seus segredos, ele apenas abria um sorriso e dizia: “Você só precisa encontrar o lugar invisível”. Mas só ele parecia enxergar esse lugar.

Treinávamos golpes de luta enquanto assistíamos desenhos animados nas manhãs de fim de semana, brigávamos para ver de quem o cachorro gostava mais (adivinha?), e passávamos as horas sem atividades (futebol para ele, ginástica para mim) depois da escola explorando a área verde atrás da vizinhança. Era assim que eu ainda via meu irmão sempre que pensava nele: com um graveto na mão, caminhando à minha frente por entre o bosque colorido pelo outono. Mesmo quando eu ficava tensa com a possibilidade de nos perdermos, Peyton sempre mantinha a calma. A coragem mais uma vez. Uma paisagem plana nunca o atraía. Ele sempre precisava de algum obstáculo para superar. Quando as coisas ficaram ruins para Peyton, eu desejava que ainda estivéssemos lá, andando. Como se ainda não tivéssemos chegado ao nosso destino e houvesse a possibilidade de irmos parar em outro lugar.

Eu estava no sexto ano quando as coisas começaram a mudar. Até então, ambos tínhamos estudado na Perkins Day, a escola particular que frequentávamos desde o jardim. Naquele ano, porém,

ele foi para o ensino médio. Em poucas semanas, começou a andar com um bando de alunos mais velhos. Eles o tratavam feito mascote, desafiando-o a fazer idiotices tipo roubar picolés na fila da lanchonete ou se esconder no porta-malas de algum carro para sair da escola na hora do almoço. Foi então que a fama de Peyton começou de verdade. E logo tomou proporções maiores do que sua vida, maiores do que a *nossa* vida.

Enquanto isso, quando não era dia de ginástica, eu voltava para casa sozinha de ônibus, depois comia meu lanche sozinha no balcão da cozinha. Tinha meus próprios amigos, claro, mas a maioria deles nunca estava disponível à tarde por causa das várias atividades que faziam. Isso era típico do nosso bairro, Arbors, onde o custo de vida padrão era capaz de bancar qualquer atividade extracurricular, desde aulas de mandarim até dança irlandesa. Financeiramente, minha família estava na média da região. Meu pai, que começou a carreira no exército antes de ir para a faculdade de direito, ganhava dinheiro resolvendo conflitos corporativos. Ele era o cara que chamavam quando uma empresa tinha problemas — ameaça de processo, questões graves entre funcionários, práticas questionáveis prestes a vir a público — e precisava dar um jeito. Não era de surpreender que eu tivesse crescido acreditando não existir problema que meu pai não fosse capaz de solucionar. Passei boa parte da vida sem ver prova do contrário.

Se meu pai era o general, minha mãe era a chefe de operações. Diferente de outros pais, que encaravam o cuidado dos filhos como um esporte de revezamento, nossa família dividia bem as responsabilidades. Meu pai se encarregava das contas, da casa e do quintal, e minha mãe ficava com todo o resto. Julie Stanford era “a” mãe — aquela que lia todos os livros sobre educação dos filhos e estocava na minivan lanches e artigos esportivos suficientes para todas as crianças do bairro. Assim como meu pai, se minha mãe se dispunha

a fazer algo, fazia direito. Então foi bem surpreendente quando, no fim das contas, as coisas deram errado.

Peyton começou a criar problemas nas férias de inverno do segundo ano. Uma tarde, eu estava assistindo TV na sala com um balde de pipoca quando a campainha tocou. Olhei para fora e vi uma viatura da polícia em frente à nossa garagem.

— Mãe? — chamei do pé da escada. Ela estava em seu escritório, que era basicamente a central de comando da casa inteira. Meu pai o chamava de “Sala de Guerra”. — Tem alguém aqui.

Não sei por que não disse que era a polícia. A impressão era que pronunciar aquela palavra tornaria tudo mais real, e eu não sabia direito o que nos esperava lá fora.

— Sydney, você é perfeitamente capaz de atender a porta — ela respondeu, mas como sempre ouvi seus passos na escada um segundo depois.

Mantive os olhos na TV, onde as participantes do meu reality show favorito, *Big Nova York*, estavam no meio de mais uma briga à mesa do jantar. Os programas da franquia *Big* faziam parte do meu ritual vespertino desde que Peyton entrara no ensino médio; eram o mais culposos dos meus prazeres. “A vida de mulheres ricas, lindas e superficiais”, foi a descrição que ouvi, e era isso mesmo. Havia uns seis programas diferentes — *Dallas*, *Los Angeles* e *Chicago* entre eles —, o que dava e sobrava para preencher meu tempo até a hora do jantar. Ficava tão envolvida com o programa que era como se aquelas mulheres fossem minhas amigas, e muitas vezes me pegava falando com a TV como se pudessem me ouvir, ou então pensando nas brigas e problemas delas mesmo quando não estava assistindo. Era um tipo estranho de solidão, a sensação de que algumas das minhas melhores amigas nem sabiam que eu existia. Ainda que minha mãe estivesse em casa, sem elas o lugar parecia tão vazio que criava uma sensação de vazio *dentro de mim*, tão forte que eu chegava a

lamentar o momento que descia do ônibus depois da escola. Sentia que minha própria vida era entediante e triste na maior parte do tempo, então de certa forma era reconfortante mergulhar na vida de outra pessoa.

Assim, eu estava assistindo Rosalie, a ex-atriz, acusar Ayre, a modelo, de *bullying* enquanto a vida da minha família dava uma reviravolta. Num minuto, a porta estava fechada e as coisas estavam bem. No minuto seguinte, a porta estava aberta e lá estava Peyton ao lado de um policial.

— Senhora — o guarda começou, e minha mãe deu um passo para trás e levou a mão ao peito —, este rapaz é seu filho?

Era disso que me lembraria mais tarde. Uma única pergunta, de resposta óbvia, com que meus pais, minha mãe especialmente, teriam de lidar a partir daí. Desde aquele dia, quando Peyton foi pego fumando maconha com os amigos no estacionamento da Perkins Day, meu irmão começou a se transformar em alguém que nem sempre reconhecíamos. Haveria outras visitas das autoridades, idas à delegacia e, por fim, julgamentos e períodos de reabilitação. Mas foi esse primeiro dia que ficou na minha cabeça, detalhe por detalhe. O balde cheio de pipoca quente no meu colo. A voz aguda de Rosalie. E minha mãe, dando um passo para trás para deixar meu irmão entrar. Quando o policial o conduziu pelo corredor até a cozinha, meu irmão olhou para mim. Suas orelhas estavam vermelhas como brasa.

Como ele não estava portando maconha, a escola decidiu tratar o caso apenas como uma infração; ele foi suspenso e precisou cumprir horas de trabalho voluntário como tutor do ensino fundamental. A história — especialmente a parte sobre Peyton ter sido o único a correr, forçando os policiais a persegui-lo — se espalhou, e a distância que ele percorreu (uma quadra, cinco, um quilômetro) crescia cada vez que alguém a contava. Minha mãe

chorou. Meu pai, furioso, o proibiu de sair de casa por um mês. Mas as coisas não voltaram a ser como antes. Ele cumpriu o castigo, jurou ter aprendido a lição. Três meses depois, foi preso por invasão de domicílio.

Um fenômeno estranho acontece quando uma coisa deixa de ser um fato isolado para se tornar um hábito. Como se o problema já não fosse um visitante temporário, mas alguém que se mudou de vez para a sua casa.

Depois disso, caímos na rotina. Meu irmão aceitava a punição e meus pais aos poucos relaxavam, acreditando piamente nas várias teorias que criavam para se convencer de que aquilo jamais aconteceria de novo. E então Peyton era preso — drogas, furtos, direção perigosa — e todos entrávamos de novo no labirinto de processos, advogados, tribunal e sentenças.

Depois de sua primeira prisão por furtar uma loja, Peyton foi obrigado a fazer tratamento depois que os policiais encontraram maconha durante a revista. Voltou com um distintivo de um mês limpo no chaveiro e um interesse em tocar guitarra graças ao seu companheiro de quarto na clínica Evergreen. Meus pais pagaram as aulas e fizeram planos de transformar parte do porão em um pequeno estúdio para que ele pudesse gravar suas composições. A obra estava na metade quando a escola descobriu uma pequena quantidade de pílulas no armário dele.

Ele foi suspenso por três semanas, tempo que deveria usar para ficar em casa e se preparar para o julgamento. Dois dias antes da data marcada para sua volta à escola, fui acordada do meu sono profundo pelo barulho da garagem abrindo. Olhei pela janela e vi o carro do meu pai manobrando para a rua. Meu relógio marcava três e quinze da madrugada.

Levantei e saí no corredor, que estava escuro e silencioso, e então desci a escada devagar. A luz da cozinha estava acesa. Lá en-

contrei minha mãe, de pijama e moletom, fazendo café. Ao me ver, ela apenas balançou a cabeça.

— Vá dormir — ela disse. — Amanhã conto pra você.

Na manhã seguinte, meu irmão já tinha sido liberado sob fiança de mais uma acusação de invasão de domicílio, dessa vez agravada por agressão e resistência à prisão. Na noite anterior, depois que meus pais foram para a cama, ele tinha saído escondido do quarto, subido a rua e pulado a cerca da maior casa de Arbors. Ele encontrou uma janela destrancada e se esgueirou para dentro. Bisbilhotou só por uns cinco minutos até a polícia chegar, avisada por um alarme silencioso. Quando os guardas entraram, ele saiu voando pela porta dos fundos. Eles o derrubaram no deque da piscina, o que deixou arranhões enormes e sangrentos no rosto de Peyton. Inacreditavelmente, minha mãe parecia mais preocupada com isso do que com todo o resto.

— Talvez pudéssemos usar isso contra a polícia — ela disse para o meu pai mais tarde naquela mesma manhã. Já estava toda vestida de maneira formal para uma reunião com o advogado de Peyton às nove em ponto. — Você viu aqueles machucados? Não é violência policial?

— Julie, ele estava fugindo — meu pai respondeu com a voz cansada.

— Sim, eu entendo. Mas ele ainda é menor de idade, e acho que a força foi desnecessária. Tinha uma *cerca*. Ele não ia muito longe.

La sim, pensei, embora fosse esperta o bastante para não dizer em voz alta. Quanto mais Peyton arranjava confusão, mais minha mãe parecia desesperada para culpar toda e qualquer pessoa. A escola queria acabar com ele. Os policiais foram muito duros. Mas meu irmão estava longe de ser inocente: bastava encarar os fatos. Só que às vezes eu me sentia a única capaz de enxergá-los.

No dia seguinte a história já tinha se espalhado pela escola, e eu

recebia olhares de canto de olho pelos corredores. Estava decidido que Peyton ia deixar a Perkins Day e terminar os estudos em outro lugar, embora as opiniões divergissem sobre quem havia determinado isso — meus pais ou a escola.

Eu tinha sorte de ter amigos que me apoiaram, afirmando aos outros que eu não era como meu irmão apesar de compartilharmos os mesmos traços e o sobrenome. Jenn, que eu conhecia desde os tempos da pré-escola, foi a que mais me protegeu. O pai dela também tivera seus problemas com a lei na época da faculdade.

— Ele sempre foi sincero quanto a isso, que foi só para experimentar — ela contou ao sentarmos na lanchonete para o almoço. — Ele pagou sua dívida com a sociedade e, veja, agora é CEO de uma empresa, super bem-sucedido. Peyton também será. Isso também vai passar.

Jenn sempre soava daquele jeito, mais velha do que era, principalmente porque seus pais a tiveram aos quarenta e sempre a trataram como adulta. Ela até parecia adulta, com seu corte de cabelo elegante, os óculos e o sapato confortável. Às vezes era estranho, como se ela tivesse pulado a infância inteira. Mas naquele momento, me senti reconfortada. Queria acreditar nela. Acreditar em qualquer coisa.

Peyton recebeu três meses de prisão e uma multa. Foi a primeira vez que todos nós estivemos juntos no tribunal. O advogado dele, Sawyer Ambrose, cujos anúncios estampavam os pontos de ônibus da cidade inteira (PRECISA DE UM ADVOGADO? O SAWYER ESTÁ DO SEU LADO!), garantia que era crucial que o júri nos visse sentados atrás do meu irmão como uma família unida e leal.

Também estava presente o novo melhor amigo de Peyton, um cara que ele tinha conhecido na reunião dos Narcóticos Anônimos que era obrigado a frequentar. Ames era um ano mais velho que Peyton, alto, cabelo bagunçado, e tinha sido preso por vender

maconha um ano antes. Ele havia cumprido seis meses e desde então se mantivera longe de confusão, dando o tipo de exemplo que todos concordavam ser necessário ao meu irmão. Eles tomavam muito café juntos, jogavam videogame e estudavam, Peyton para a escola alternativa onde tinha ido parar, Ames para o curso de hotelaria que fazia na Lakeview Tech. O plano deles era que Peyton faria o mesmo depois de se formar, e juntos os dois trabalhariam em algum resort. Minha mãe adorava a ideia e já tinha toda a papelada necessária para fazer isso acontecer: estava tudo num envelope etiquetado em cima da mesa dela. Só faltava resolver o detalhe da prisão.

Meu irmão acabou cumprindo sete semanas na casa de detenção local. Eu não tinha permissão para vê-lo, mas minha mãe visitava sempre que recebia autorização. Enquanto isso, Ames permanecia por perto: estava sempre na mesa da cozinha com um café, exceto durante uma ou outra escapada para fumar no quintal, onde usava um cinzeiro de areia que a minha mãe (que detestava o hábito) tinha posto lá só para ele. Às vezes ele aparecia com a namorada, Marla, uma manicure loira, de olhos grandes e azuis e uma timidez tão grande que ela mal falava. Quando alguém lhe dirigia a palavra, ficava supernervosa, como aqueles cachorrinhos ansiosos demais que estão sempre tremendo.

Eu sabia que Ames era um conforto para minha mãe. Mas algo nele me deixava receosa. Como as vezes em que o flagrava me olhando por cima do copo de café, acompanhando meus movimentos com os olhos escuros. Ou quando vinha me cumprimentar e sempre dava um jeito de me tocar — apertando meu ombro, roçando meu braço. Como ele nunca tinha feito nada de mais comigo, achava que era coisa da minha cabeça. Além disso, ele tinha namorada. Tudo o que queria — conforme me disse várias e várias vezes — era tomar conta de mim como Peyton tomaria.